

humanitas

Vol. XIX Ž J

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XIX E XX



COIMBRA
MCMLXVII-LXVIII

espalha-se o tipo do prefácio epistolar em prosa, principalmente na época dos Flávios (pp. 106-112).

A II parte do livro é consagrada ao exame dos *loci communes* nos prefácios tardios (pp. 113-161). Verifica-se então uma insistência monótona em tópicos que se foram acumulando ao longo dos tempos, tanto nos escritores profanos como cristãos. «Muito poucos prosadores latinos da época tardia escreveram algo verdadeiramente criador» nos seus prefácios. Entre as excepções a esta regra devem contar-se Santo Agostinho e Boécio (p. 160). Em *appendix* (pp. 162-168) é feito um comentário a dois textos gramaticais, um de S. Gregório Magno e outro de S. Gregório de Tours.

Após este resumo da apresentação dos temas, acompanhados de abundantes citações, parece-nos bem dar uma indicação dos principais tópicos literários dos prefácios: oferta do livro por meio de uma dedicatória; indicação de que a obra é escrita a pedido de alguém, para corresponder à sua amizade ou à sua imposição, tornando-se por isso um dever de obediência; confissão de incapacidade e pobreza de estilo, acompanhada de expressões de modéstia; pedido de benevolência; promessa de brevidade ao tratar o assunto, de que se fornece, por vezes, já breve notícia; declaração de que se trabalhou afanosamente, mesmo durante a noite; esperança de êxito, graças (sobretudo nos escritores cristãos) à assistência divina, às orações do impetrante e ao facto de que a eficácia da doutrina é maior que a da oratória; convite a que se aproveite só o melhor e desejo de que a leitura redunde em bem (como as abelhas fazem ao pólen das flores); recurso a citações de autores antigos ou da Bíblia em seu abono; pedido de correcção dos defeitos (mas por vezes proibição de que os copistas alterem o original).

O prefácio apresenta-se com frequência sob a forma de carta ao superior ou ao editor, com indicação de que se destina à publicidade. Mais raras são as manifestações de desejo de que os outros apreciem o trabalho feito, as remissões para obras futuras, as promessas de produzir uma narrativa agradável ou a inserção de elementos autobiográficos. As relações entre o autor e o homenageado não influem no género literário, mas são por vezes expressas em termos que indicam submissão, cortesia, delicadeza ou amizade.

É evidente que nem todos os tópicos acabados de enumerar aparecem num só prefácio. A obra de T. Janson tem o mérito de nos indicar quando cada um deles foi surgindo e quais os que se mantiveram com maior persistência. Obra de larga erudição, teve que recorrer a abundante bibliografia (pp. 169-177), embora nem todas as obras catalogadas se refiram directamente ao prefácio como género literário. Será vantajoso juntar, pela utilidade que oferece para uma parte do tema, o trabalho de A. R. Bastiaensen, *Le cérémonial épistolaire des chrétiens latins: origines et premiers développements* (publicado nos *Supplementa* (fasc. II, Noviomagi, 1964) da série *Graecitas et Latinitas Christianorum Primaeva*).

J. G. F.

Studi Petriani, Istituto di Studi Romani Editore, Roma, 1968, 141 pp.

Baseando-se apenas no poder civilizador do povo romano, os poetas da época áurea da Literatura Latina cantaram a glória e imortalidade de Roma. A meio do século V, um papa de sólida educação clássica, S. Leão Magno, afirmava, porém, referindo-se a Roma: «per sacram Petri sedem caput orbis effecta, latius praesideres religione diuina quam dominatione terrena» (*sermo* 82, in *Natale apostolorum Petri et Pauli*). Roma foi grande pela força política. Extinta esta, foi a Cristandade que de novo a pôs como centro do mundo civilizado.

Dentro deste espírito universalista se compreende que no ano lectivo de 1966-67 o Instituto de Estudos Romanos da Urbe promovesse uma série de conferências preparatórias do XIX centenário do martírio de S. Pedro. As lições magistrais proferidas durante esse curso foram reunidas no volume que temos presente.

Salvatore Garofalo tratou de *A tradição petriana no século I* (pp. 11-25), examinando as fontes neotestamentárias, os testemunhos de S. Clemente Romano e de Santo Inácio de Antioquia e até o dos escritos apócrifos de data incerta, mas que provavelmente remontam a fontes do I século.

José Ruyschaert expôs os dados principais sobre *O túmulo de Pedro. Considerações arqueológicas* (pp. 29-37). Apoiando-se nos dados fornecidos pelas excavações, cujo começo foi anunciado oficialmente por Pio XII em 1942, faz-nos acompanhar a marcha das construções que sobre a sepultura de Pedro se fizeram desde o século II até à actual basilica. Os elementos que mais põe em relevo são a basilica constantiniana (séc. IV) e o nicho de 150, chamado vulgarmente «troféu de Gaio».

Michele Maccarrone desenvolveu nestas páginas o seu estudo sobre *S. Pedro em relação a Cristo, segundo os mais antigos testemunhos* (pp. 41-101). Temos aqui, de relance, um quadro da Literatura Cristã, grega e latina, até ao século V, aplicável ao tema, que é fundamentalmente de carácter exegetico e doutrinário. O célebre passo do *Quo uadis* (pp. 52-53) é analisado dentro do seu contexto, tal como no-lo transmitem os apócrifos *Actos de Pedro*.

As lições sobre *Os Apóstolos Pedro e Paulo na mais antiga iconografia cristã* foram proferidas por Enrico Josi. Não tendo este podido fornecer o texto das suas preleções, dá-se-nos aqui (pp. 105-130) um estudo de Pasquale Testini sobre o mesmo tema. Explica-se o motivo porque a representação de figuras humanas foi retardada, entre os cristãos, até ao século III. Só a partir da paz de Constantino (313) a arte cristã pôde florescer. Até ao fim do século V conhecem-se 533 representações de S. Pedro e umas 150 de S. Paulo. O A. estuda e interpreta, baseado em larga documentação, as principais cenas, gravadas sobretudo em tampas funerárias.

As exposições de carácter arqueológico e iconográfico são ilustradas com 29 gravuras.

Numa revista de humanidades clássicas devemos pôr em realce, nesta proveitosa obra, a interpretação arguta de tantos textos latinos e gregos e o relevo dado às artes plásticas. Na sua exposição Maccarrone faz um breve estudo sobre o valor de *consortium* no latim clássico e no uso dos cristãos (p. 99). Mais que uma vez são apontadas considerações sobre o significado de 'Pedro': *rocha*. A este propósito poderia ter sido citado o livro de Dominique Ridolfi, *Simon Pierre, rocher biblique*

(trad. port. das Ed. Paulistas, 1967), em que se faz uma boa exposição preliminar sobre o valor da pedra nas civilizações pré-históricas, nas religiões naturais e na Bíblia (Antigo Testamento).

Apesar do seu interesse, as lições dadas em 1966-67 estão hoje um pouco desactualizadas no que se refere aos aspectos arqueológicos. A 24 de Junho de 1968, quase ao encerrar o centenário (proclamado como Ano da Fé), Paulo VI anunciou que a investigação científica actual não só tinha como certa a localização da sepultura de S. Pedro, mas pôde até identificar os restos das suas ossadas. A grande mestra destes estudos é a doutora Margherita Guarducci, professora da Universidade de Roma. O leitor português tem um resumo da situação arqueológica e epigráfica, em meados de 1968, no artigo de José Leite sobre *As reliquias de S. Pedro (Brotéria, LXXXVII (Out.º de 1968), pp. 308-325).*

J. G. F.

ANDREA CARANDINI — *Vibia Sabina. Funzione politica, iconografia e el problema del classicismo adrianeo.* Florença, Leo S. Olschki, 1969.

Andrea Carandini apresenta este seu estudo sobre a iconografia de Vibia Sabina como um contributo para a revisão do problema da cultura romana do círculo palatino de Adriano. Não dizemos do problema somente da arte, mas da cultura; nem da cultura romana da época de Adriano, mas, mais limitadamente, da cultura do círculo palatino do imperador Adriano. Na verdade, se esta obra é essencialmente de historiografia artística, a autora não esquece que a arte «é sempre sensível às transformações que se verificam numa sociedade». Por outro lado, pretende que Adriano condicionou a cultura da corte e das classes dominantes da sociedade romana, mas que esta cultura se restringiu a essas classes e acabou por isolar ideologicamente o imperador das realidades sociais, culturais e religiosas das províncias periféricas do império. Este juízo parece-nos extraordinariamente severo, e aliás desmentido pelo que a autora diz acerca do iluminismo paternalista do imperador, bom administrador segundo o modelo de Augusto.

Andrea Carandini não segue certos autores na insistência sobre o gosto de Adriano por um estilo severo e arcaizante; pelo contrário, mostra a preferência do imperador por uma estética clássica. Se a arte de Trajano exalta o heroísmo, a de Adriano testemunha um sereno gosto do racionalismo, da contensão de sentimentos; se a do Optimus Princeps deforma para exaltar, a de Adriano regressa «àquela imitação do verosímil que é a regra fundamental de todo o classicismo». O classicismo da época de Adriano é a consequência de uma revolução espiritual sentida e sincera.

A autora acompanha a vida de Vibia Sabina recorrendo aos raros dados literários e epigráficos e divide-a em nove períodos, de c. 85 a 139 d.C.. As esculturas de vulto e os baixos-relevos de Sabina são atribuídos com ponderadas razões históricas e estilísticas a um ou outro destes períodos. Onze retratos identificados com segurança, encontrados em Vaison, Andriaki, Perge, Tivoli, Lanuvium e Roma e

felizmente atribuíveis a seis daqueles nove períodos, permitem, analisados com atenção, definir características de fases e escolas que ajudam a identificar outros retratos de atribuição menos segura.

Um estudo demorado dos penteados de Sabina, ilustrado com desenhos de M. Antonietta Ricciardi, completa a obra, que representa, para o estudo da arte da época de Adriano, contributo valioso a juntar-se aos trabalhos de Toynbee e Wegner.

JORGE ALARCÃO

ANTONINO GRILLONE — *Il sogno nell'epica latina — tecnica e poesia.* Palermo, Andò Editori, 1967, 178 pp.

Eis um livro que será bem acolhido por todos os Latinistas. De leitura agradável e contendo uma análise tão completa quanto possível de todos os textos latinos concernentes ao sonho, a presente obra conseguiu alcançar os dois objectivos que o autor pretendia:

— análise pormenorizada de todos os textos (incluindo mesmo os de autores menores como Sílio Itálico, Valério Flaco, Estácio e Claudiano);

— excelente visão de conjunto ilustrada por comparações oportunas e circunstanciadas dos textos latinos entre si e com os respectivos modelos gregos, para neles distinguir o legado da *técnica* da verdadeira *poesia* de cunho pessoal.

Com a preocupação de exaurir o assunto em estudo, o autor teve a meticulosidade de analisar mesmo aqueles passos que por muitos estudiosos são considerados como simples *visa nocturna*, descendo até ao pormenor de referir os vv. 908-912 do canto XII da Eneida que apenas contém um símile onde são comparados os sentimentos experimentados por Turno com as sensações provocadas pelo sonho (*Traumgleichnis*, no dizer de Steiner).

A introdução duma meia dúzia de páginas constitui um bom resumo da obra e salienta as características mais importantes do sonho em cada um dos autores estudados.

O primeiro escritor tratado é Énio, cuja obra não é analisada em pormenor, devido ao seu estado fragmentário. E infelizmente, pois, segundo o autor pensa, dada a simpatia do poeta pelas doutrinas pitagóricas, é natural que os *Annales* contivessem muitos sonhos. A prová-lo está o início do poema onde Énio, por meio dum sonho, pretende consagrar-se como um *alter Homerus*.

O estudo da Eneida ocupa cerca de um quarto do livro. Salienta o autor a importância do sonho na economia do poema, notando com perspicácia que com a aparição de Heitor a Eneias se inicia a peregrinação do Troiano e que os seus erros terminam com a visão do Tibre. Refere ainda a simplicidade dos sonhos virgilianos, bem como o facto de quase nunca serem alegóricos, o que distingue o Mantuano de Homero.